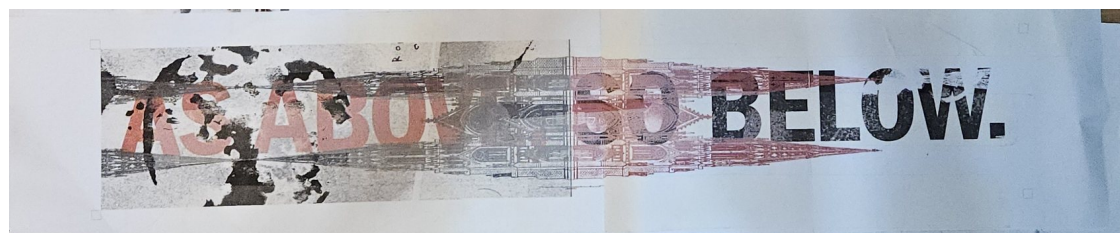


augusto mourão

portfólio 2026 · Belo Horizonte, MG



augusto mourão

Vive e trabalha em Belo Horizonte, MG.

Augusto Mourão é artista visual. Vindo do design gráfico, desenvolve uma prática entre fotografia, colagem, poesia visual e coleta. Seu trabalho parte da observação da paisagem urbana e dos materiais descartáveis e informativos dos lugares por onde passa: os fios, postes e cabos que riscam o céu da cidade, folhetos trazidos de outros lugares, fotografias encontradas em feiras de antiquários, mapas de metrô. A palavra também é tratada como matéria.

O processo começa no computador e termina no corpo do papel. As imagens são fatiadas digitalmente e impressas numa impressora doméstica que o artista adaptou para receber tiras estreitas e longas de papel, um formato vertical como o próprio poste. Sobre ele, a fita crepe funciona como suporte, como cola, como desenho e como letra: aplicada sobre a impressão ainda molhada, arranca a tinta e a transporta para outra tira. Como a fita não absorve toda a tinta, o que sobra passa para as mãos do artista, e as marcas de dedo mancham o papel. O gesto fica registrado na obra como um exercício de memória e apagamento: uma tira guarda a imagem levada pela fita, a outra guarda o que ficou para trás, vazios e digitais, como uma lembrança que perdeu os detalhes. As tiras recebem numeração com as etiquetas vermelhas usadas em laboratórios de revelação de fotografia analógica, como negativos de um arquivo. Os fios de alta tensão, que atravessam a cidade carregando uma energia que não se vê, reaparecem interrompidos e repetidos. A tensão passa dos cabos para o gesto de puxar a fita, que a cada transferência leva um pouco mais da imagem e aproxima a fotografia do esquecimento.

Nos trabalhos com texto, em diálogo com a poesia concreta de Augusto e Haroldo de Campos e com o poema/processo de Wladimir Dias-Pino, a escrita é desmontada até o erro, e o erro passa a fazer parte do poema. A sequência "digerir, redigir, regredir" descreve o próprio processo analítico do artista, a forma como ele capta e entende uma questão: digere o que recebe, escreve, volta atrás, erra. As palavras correm coladas, sem espaço, e os pingos dos "i" saem das letras para formar uma linha própria acima delas. Essa linha desritma a leitura e obriga o olho a alternar entre letra e ponto, como o pensamento que para e retoma. Os deslizos do processo ficam no texto: "redigrir" junta redigir e rir; "errir" junta errar e rir. Em outro trabalho, "você merece", carimbado, se repete até virar "à mercê de?", ao lado da palavra IMACULADO, escrita com fita kraft rasgada.

Em 2026 participou da Mostra Estalo, no Mercado Novo, em Belo Horizonte, com uma instalação realizada em colaboração com Malu Marçal, Gus Rocha e Gavioli: um programa capturava a imagem dos visitantes com uma câmera antiga e perguntava "Sou eu um(a) / Am I a(n)", enquanto outra tela respondia com palavras-poema como "Ordinary Fluid", "Desired Alien", "Rio Vermelho" e "Massa Cinzenta". Desenvolve sua pesquisa em acompanhamento com o artista Lucas Matoso.

formação

Acompanhamento artístico com Lucas Matoso, Belo Horizonte (2026)

Graduação em design

exposições coletivas

Mostra Estalo, Mercado Novo, Belo Horizonte (2026). Instalação interativa com câmera, programa e duas telas, em colaboração com Malu Marçal, Gus Rocha e Gavioli.

obras (2026, sem título)

Fios, par. Impressão doméstica, fita crepe e colagem sobre papel, 2 tiras de 20,3 × 100 cm, etiquetas de laboratório fotográfico.

Digerir Redigir Regredir. Impressão sobre papel, 20,3 × 100 cm.

IMACULADO / você merece / à mercê de?. Fita kraft, carimbo e fita vermelha sobre papel, 20,3 × 160 cm.

As above, so below. Impressão e colagem sobre papel, 20,3 × 100 cm.

Olho para cima e Belo Horizonte está escrita em fios. Linhas que ninguém desenhou de propósito cruzam o céu, carregam energia, voz e dados, e quase nunca são vistas. Fotografo esses cruzamentos desde 2023 e depois os corto em faixas, porque é assim que a memória parece funcionar: em tiras, com intervalos, repetindo o que insiste.

Dentro deles corre uma tensão invisível, que só se percebe quando falta. Em português, apagar serve para a luz e para a memória. Quando puxo a fita, faço com a imagem o que um apagão faz com a cidade: cada transferência leva uma parte e esquece outra, e o que sobra é uma lembrança com falhas.

Tenho medo de esquecer. E tenho medo, também, de não conseguir esquecer.

Venho do design, onde tudo precisa funcionar. Por isso desmonto a máquina: abro a impressora de casa para que ela aceite um papel que não devia aceitar, e uso fita crepe, o material do provisório, como se fosse definitivo. A fita cola, rasga, arranca e escreve. Puxo a imagem com a tinta ainda molhada, e o que a fita não leva fica nos meus dedos e depois no papel. As digitais são a parte da obra que eu não controlo.

Com as palavras faço o mesmo. Digerir, redigir, regredir: é assim que eu entendo uma questão. Recebo, mastigo, escrevo, volto atrás, erro e rio do erro: redigir vira redigir, errar vira errar. Quando tiro o pingo do "i" do lugar, a letra perde o ponto e a leitura perde o ritmo. Quando repito "você merece" vezes demais, a promessa vira pergunta: à mercê de quê?

Meu trabalho é um exercício de desmontar o que organiza (a rede elétrica, o alfabeto, a frase pronta) e de ver o que sobra quando o processo vale mais que o resultado.

**0001 sem título (fios)**

2026

impressão doméstica, fita crepe, colagem e etiqueta de
laboratório sobre papel

2 tiras, 20,3 × 100 cm cada

Fotografias de fios e postes de Belo Horizonte, feitas
entre 2023 e 2026, fatiadas e impressas em tiras. A fita
crepe, aplicada sobre a tinta ainda molhada, leva a
imagem de uma tira para a outra. Uma guarda o que a fita
levou; a outra guarda os vazios e as digitais.



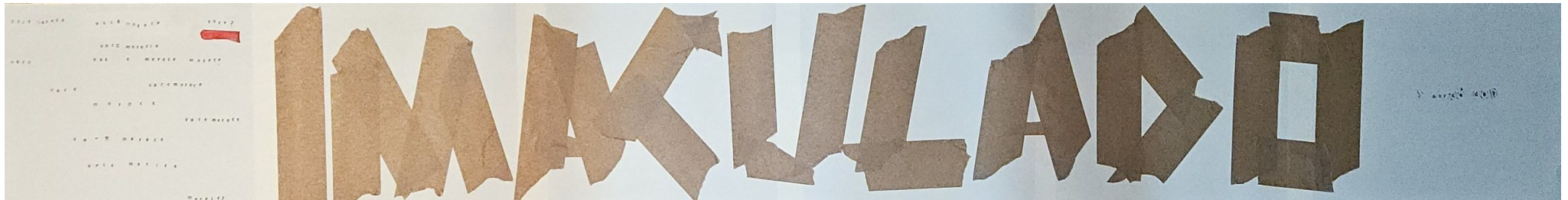
**0002** sem título (Digerir Redigir Regredir)

2026

impressão sobre papel

20,3 × 100 cm

DigerirRedigirRegredirRedigrirRéErrir. A sequência descreve o processo de captar e entender uma questão: digirir, escrever, voltar atrás, errar. As palavras correm coladas e os pingos dos "i" saem das letras para formar uma linha própria, que desritma a leitura e faz o olho alternar entre letra e ponto. Os erros do processo ficam no poema: redigir junta redigir e rir; errir junta errar e rir.

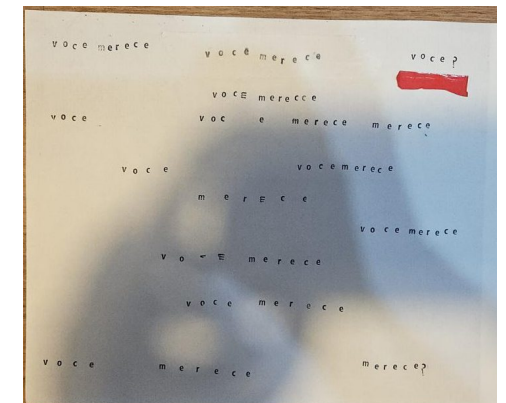
**0003 sem título (IMACULADO)**

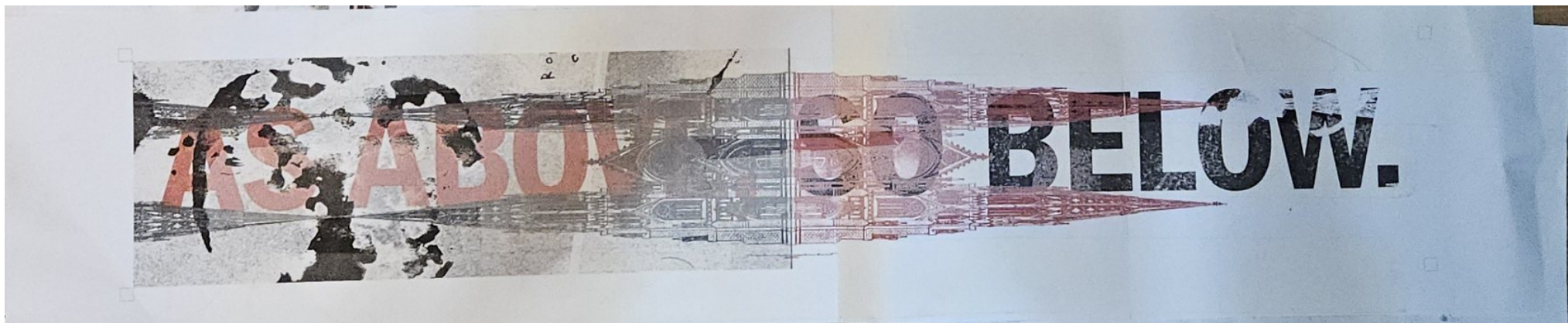
2026

fita kraft, carimbo e fita vermelha sobre papel

20,3 × 160 cm

"Você merece", carimbado, se repete e se desalinha até virar "você?" e "merece?". No meio da tira, a palavra IMACULADO, escrita com fita kraft rasgada. No fim, bem pequeno: "à mercê de?".





0004 sem título (As above, so below)

2026

impressão e colagem sobre papel

20,3 × 100 cm

Uma catedral gótica se espelha para baixo em vermelho.

A máxima hermética fica dividida entre as duas metades da tira.



Reconstrução digital (mockup). Não há registro fotográfico da instalação.

0005 Sou eu um(a) / Am I a(n)

2026

câmera antiga, programa de computador e duas telas
com Malu Marçal, Gus Rocha e Gavioli
Mostra Estalo, Mercado Novo, Belo Horizonte

Um programa capturava a imagem dos visitantes com uma câmera antiga e perguntava "Sou eu um(a) / Am I a(n)". Na outra tela, a resposta vinha em palavras-poema: Ordinary Fluid, Desired Alien, Rio Vermelho, Massa Cinzenta. Não há registro fotográfico da instalação.



Simulação de montagem em cubo branco (mockup digital com fotos reais das obras), moldura de madeira clara com vidro.

contato

augustomouraocroce@gmail.com

instagram.com/augusto__mourao

Belo Horizonte, MG